

O GENOCÍDIO INDÍGENA NA AMÉRICA LATINA (3-4)

A REVOLTA INDÍGENA NA BOLÍVIA (*)

Manoel de Andrade



Cleto de Assis

1. Visita a comunidades indígenas. A história de Julián Apaza Nina

Terminara o Congresso de Poetas naquele fim de setembro de 1969, onde eu lera meus poemas na noite do dia 25 ante o grande público que lotara o Palácio da Cultura na cidade de Cochabamba. Agora, com toda disponibilidade de tempo, aceitei o convite do pintor Atílio Carrasco para conhecer duas comunidades indígenas, nas vizinhanças de um povoado chamado Quillacollo, a uns quinze quilômetros da cidade. Ele conhecia alguns chefes das comunidades quáchuas da vizinhança e um velho *curaca* (chefe), sobre cuja sabedoria comentara dias antes e que foi o primeiro a visitarmos pela manhã. Quando chegamos, por volta das 10 horas, ele estava sentado sobre um banco de troncos ao lado da porta de sua casa, num *ayllu* (comunidade), nas redondezas do povoado. Tinha perto de sessenta anos; cobria-se com uma leve manta com **listras** de cores fortes e usava um chapéu indicando sua condição de *curaca*. Sua expressão era respeitável e serena. Os olhos apertados e mansos como todo o tipo andino. Feições fortes, o grande nariz inclinado sobre a boca, os lábios

grossos sempre prenunciando um sorriso e as maçãs do rosto salientes e firmes, como as pequenas colinas da região. Não sei se pela amizade que tinha com Atílio, fugia da idiossincrasia impenetrável que pude observar nos habitantes indígenas dos *ayllus*, quando em contato com os brancos. O velho patriarca, de sorriso aberto, irradiava paz e empatia ao acenar para os comuneiros que por ali passavam. Diante de minha curiosidade por uma imagem num pequeno altar no interior de sua casa, contou-me a história da Virgem de Urkupiña, segundo a qual uma bela mulher e um menino apareciam naquela região a uma jovem camponesa, com a qual brincavam. O fato foi constatado pelo pároco do local e pelos pais da menina e, então, a história virou milagre, devoção e festa. Construiu-se uma igreja no local das aparições, a Virgem passou a ser padroeira de Quillacollo e, desde então, a peregrinação vinda de toda a Bolívia fez do fato religioso um dos maiores eventos nacionais, associado às tradições, ao folclore e à festa que se fazia em homenagem à santa, no mês de agosto, da qual ele e sua comunidade participavam, vestidos com roupas típicas.

Falava de tudo com um profundo respeito e religiosidade. De Deus, da Pachamama, da comunidade, do sol, da chuva e das colheitas, sempre com emotiva gratidão pela vida. Contou-nos que falava com as plantas, com o vento e que suas lhamas e ovelhas o entendiam. Falou-nos de um passado recente em que a terra não lhe pertencia, do trabalho árduo, e o cansaço que foi chegando com a velhice, da parte da produção que lhe obrigavam a entregar como imposto, embora sempre tenha perdoado os maus patrões. Havia tanta espiritualidade em seu olhar, tanta transparência em suas palavras e isso era admirável num homem socialmente tão simples, um índio sem cultura, mas com uma profunda noção moral da vida, da verdade, do perdão, do real significado do cristianismo; enfim, uma religiosidade cujo templo era a Natureza e cujo culto era feito no sacrário do próprio coração. Seu nome era Tomás e nunca o pude esquecer, dele e do seu nome, porque a sua imagem humana sempre me fez lembrar o personagem do livro *A cabana do Pai Tomás*, da escritora abolicionista americana Harriet Beecher Stowe, que eu lera na juventude. Tal como o sofrido e solidário escravo negro Tomás – personagem em torno do qual giram, na novela, as vítimas e os algozes da abominável escravidão nos Estados Unidos –, assim era a personalidade calma e bondosa do velho sábio quíchua, um ser humano de sentimentos puros, cheio de amor pelo Criador e às criaturas e sem nenhum ressentimento pelas humilhações sofridas no passado – segundo me contou Atílio – nas mãos dos *encomenderos*, num sistema agrário que marcara com desprezo a desumana servidão em que vivera desde a infância, antes que a reforma agrária devolvesse a terra aos seus verdadeiros donos.

Depois de tantas histórias e estórias e beber boa *chicha*, ele nos levou para mostrar sua agricultura na encosta de um monte, onde um milharal exibia suas espigas barbadadas. Na subida, passamos no meio de um rebanho de ovelhas e lhamas, e descemos com a visão de pomares, plantações de coca e muita terra lavrada com batata, verduras e ervas medicinais. Ensinou-nos que as plantas devem ser colhidas conforme a lua, porque sua seiva caminha entre as folhas e as raízes. Que no crescente se colhem as plantas com folhas, porque a seiva está na superfície, e no minguante se colhem os tubérculos, como a beterraba e a cenoura, porque a seiva está na raiz. E assim também as plantas lunares, como a alface, ao amanhecer,

e as solares, durante o dia. Que toda poda deve ser feita no minguante e no inverno, quando a seiva dorme nas raízes. Disse que as plantas são seres sensíveis, que têm memória, conhecem as pessoas com quem convivem e reagem emocionalmente ao carinho e à agressão.ⁱⁱ O velho índio parecia ter uma aliança mística com a natureza e conhecer os segredos materiais e espirituais das coisas, fazendo justiça à imagem respeitada dos *amautas*, considerados os homens mais sábios na corte do Império Inca. Depois falou-nos da terra repartida. Disse-nos que a reforma agrária feita pelo presidente Paz Estenssoro, em 1953, devolveu a ele e a todos os camponeses bolivianos não só a terra, mas também o próprio respeito, antes esmagado pela oligarquia rural. Disse que o indígena sem sua terra não é ninguém, que a terra, a Pachamama, era a mãe bondosa que nunca deixava seus filhos com fome e que agora eles tinham dignidade, porque cada *ayllu*, cada família, tinha o seu pedaço de terra e eram livres, depois de quatrocentos anos.ⁱⁱⁱ

Na parte da tarde, fomos visitar outro *ayllu*. Era uma comunidade aymara, todos unidos pela consanguinidade. Foi então que ouvi, pela primeira vez, o nome e a história de Túpac Katari, o maior líder aymara na guerra contra os espanhóis, que nascera em 1750, no povoado de uma comarca do altiplano chamado Sicasica. A história foi-nos contada por um velho curaca da comunidade. Mascava coca e era tido como o *amauta* (sábio) da região. Segundo o narrador, Túpac Katari foi o Túpac Amaru boliviano. Continuou contando que, ao nascer, ele foi chamado Julián Apaza Nina, mas em homenagem ao grande caudilho peruano Túpac Amaru e ao cacique de Chayanta, Tomás Katari mudou seu nome para Túpac Katari.

Falou-nos o velho amauta que Julián Túpac Katari ficou órfão aos sete anos, sendo adotado como um serviçal por um padre espanhol. Posteriormente, trabalhou como padeiro e cresceu atento à exploração e às crueldades que passavam os povos aymaras e quíchuas nas mãos dos colonizadores. A cultura harmônica e solidária que herdara de seus antepassados chocava-se com a prática odiosa e rapinante com que os espanhóis tratavam seus irmãos indígenas, obrigando-os a entregar os frutos da terra como forma de tributo. Na ausência da produção ou do valor do imposto em dinheiro, eram obrigados a trabalhar num regime de semiescravidão nas minas ou nas fazendas, sob as ordens cruéis do *encomendero*.^{iv} Testemunha itinerante de tantos atos desumanos nas comunidades e fazendas por onde passava, presenciando, perplexo, as injustiças que sangravam o destino de seu povo, assassinado por autoridades, sacerdotes católicos e mestiços, aguardava o momento para atuar no extenso cenário das lutas sociais de sua pátria.

2. Tomás Katari: a odisseia de um índio

A grande revolta indígena, na região andina, começou em 1780, liderada pelo cacique Túpac Amaru II. Simultaneamente, na Bolívia, então chamada Alto Peru, Tomás Katari, um índio revoltado por ter o seu posto de cacique usurpado pelo mestiço Blas Bernal, na localidade de Chayanta, iniciou, em 1877, uma longa querela judicial, na qual foi sempre prejudicado e várias vezes aprisionado pelo corregedor Alós Flores, com o apoio venal dos tribunais da Real Audiência de Charcas, na época sede do governo espanhol na Bolívia. Em face dos desmandos

e da corrupção tributária de Blas Bernal, Tomás Katari polariza o descontentamento social na região, onde além dos impostos escorchantes, predominava a cruel obrigação da *mita* mineira de Potosi, aonde chegavam as grandes levas de *mitayos* peruanos para o trabalho mortal nas minas de Cerro Rico. Tomás Katari inicia a revolta liderando os *ayllus* (clãs de indígenas andinos) guerreiros, em San Pedro de Macha, no departamento de Potosi, não para derrubar o governo colonial como queria Túpac Amaru, mas para denunciar o poder local exercido por caciques mestiços e o corregedor da província, pela conduta corrupta e fraudulenta, como usurpadores na cobrança dos impostos.^v A fama e a coragem de Tomás surgiu em 1777, quando – revoltado com os excessos da administração local, o desrespeito à sua hierarquia indígena (curaca) e à autonomia das comunidades agrárias – viajou 600 léguas^{vi}, ou seja, 3.600 quilômetros, até Buenos Aires, a pé, porque aos índios era proibido andar a cavalo – para exigir respeito aos direitos indígenas por parte das novas autoridades do Vice-Reinado do Rio da Prata, cuja autonomia, em relação ao Vice-Reinado de Lima, fora decretada, no ano anterior, pelo rei da Espanha.

Se trata de una verdadera odisea para un indio sin recursos materiales, sin conocimiento del idioma, obligado a caminar a pie las 600 leguas que hay desde su pueblo, ubicado en la altiplanicie andina, hasta la capital del Vireinado. Llega a Buenos Aires a fines de 1778.^{vii}

Tomás Katari voltou gratificado com o apoio as suas reivindicações, avalizadas e documentadas pelo vice-rei Juan José de Vértiz. Mas, ao chegar à Bolívia, foi detido sob o pretexto de perturbar a cobrança de impostos. Libertado meses depois, foi preso novamente em 1779, pelas denúncias e protesto contra o regime criminoso do trabalho indígena, embora, no caminho, tenha conseguido fugir, pela ação dos seus seguidores. Posteriormente, em face da ameaça que sua grande liderança representava para as autoridades coloniais, é aprisionado novamente em 1780 e mantido em incomunicabilidade. Diante dessa nova injustiça contra seu líder, explode a revolta entre os indígenas da região. A prisão é destrocada e Tomás Katari é libertado. Enquanto aguardava ordem de Túpac Amaru – com quem estava em contato por emissários diretos – para atacar La Paz, foi preso novamente e, de surpresa, por uma força mercenária comandada pelo mineiro Manuel Álvares Villarroel, tão explorado e tão andino como ele, sendo atirado a um precipício em Chataquila, em 15 de janeiro de 1781.^{viii} O assassinato de Tomás Katari levou a uma sublevação violenta na região de Potosi. O assassino, Álvares, mero instrumento das autoridades coloniais, foi morto pelas mãos dos índios enfurecidos e o próprio vice-rei de Buenos Aires mandou investigar a cumplicidade das autoridades, no assassinato do caudilho.

Além das informações que me deu o velho curaca, pouco se sabia, até então, sobre a origem de Tomás Katari. Embora tenha vivido numa comunidade aymara, seu sobrenome Katari é de origem quíchua e significa réptil venenoso, assim como Túpac Amaru significa serpente do fogo. Os historiadores se ressentem de informações sobre sua idade, sua origem e afirmam que era analfabeto.^{ix}

Era um índio pobre, mas prestigiado por amigos influentes de toda a província, onde interpunha suas reivindicações em favor de seus direitos e das

comunidades indígenas. Líder nato, a um gesto seu poderiam levantar-se imediatamente 20 a 30 mil índios.

En la información sumaria secreta mandada efectuar por Manuel de la Bodega el 12 de octubre de 1780, a fin de averiguar en qué medida los indígenas de su corregimiento estaban ligados con los de Chayanta, declaró el alcalde indio Manuel Ari que aquéllos se levantarían "al instante que se les prevenga por Tomás Katari". (...) "No deja de ser digno de atención el hecho de que el corregidor Alós considere que Katari está en condiciones de movilizar entre 20 y 30 mil indios".^x

Por ter sido assassinado antes de explodir a rebelião no Alto Peru, frustrou-se, historicamente, sua capacidade de movimentação militar e seu talento como um chefe guerreiro.

Precursor e principal aliado de Túpac Amaru na grande revolta indígena do fim do século XVIII, sua grandeza estava no carisma da uma personalidade iluminada pelos ideais de justiça, um caráter inquebrantável, cristalino e puro e um espírito de luta social marcado por uma abnegação sem limites, pelos direitos dos índios pobres e desprezados. Como não falava o castelhano, por certo não pôde mostrar com palavras sua íntima imagem,

Pero fue, como hemos dicho, entre los suyos donde descolló y donde pudo mostrar sin intérpretes lo que valía; fueron también los indios quienes estaban en mejores condiciones que los españoles para apreciar sus aptitudes y virtudes. Y ellos, pobres y incultos, exteriorizaban su admiración por el caudillo a su manera, arrodillándose ante él y besándole la mano o el poncho que vestía, considerándolo redentor y casi una divinidad.^{xi}

3. Túpac Katari e o cerco de La Paz

Segundo os historiadores, o nome de Túpac Katari era desconhecido, quando surge como um destacado caudilho no cerco de La Paz, em março de 1781, época em que se calcula que tivesse trinta anos de idade. Até então a única figura guerreira que ameaçava a capital do Alto Peru era o próprio Túpac Amaru, cuja estrondosa vitória, em 17 de novembro do ano anterior, sobre as tropas espanholas em Sangarará, deixara o pânico nos documentos que na época circulavam entre as autoridades da Real Audiência de Charcas. A ausência de informações sobre a personalidade de Túpac Katari deve-se a que os documentos que a ele se referem foram escritos por seus inimigos e, portanto, são marcados pela parcialidade e pelo ódio. Muitas informações provêm do *Diario* de Sebastián Segulora, comandante de La Paz, durante o sítio da cidade. Contrariando as afirmações preconceituosas de Segurola – que o chamava de índio ordinário e de origem miserável – opinião que foi repetida pelos historiadores oficiais ao se referirem circunstancialmente à rebelião de 1780-1781, no Alto Peru –, e do frei Matias Borda, do qual teria sido sacristão e o desprezava chamando-o de índio ridículo, o historiador Boleslao Lewin, baseado em ampla documentação, nega que Túpac Katari fosse um órfão desvalido e que tenha exercido os ofícios de sacristão e padeiro, mas que era um comerciante de coca – entenda-se folhas de coca, as quais eram normalmente consumidas para abrandar a fome desde os tempos do incário – e de tecidos.^{xii}

Contrariando a opinião dos seus detratores espanhóis, Lewin cita –

desconsiderando as ressentidas opiniões que procuravam denegrir odiosamente a imagem de Túpac Katari – el origen del enorme ascendente de Túpac Katari sobre las masas indígenas, de cuyas vidas y haciendas disponía en forma ilimitada durante muchos meses, por más que hubo tentativa individuales de destituirlo de su cargo.^{xiii}

A liderança e os objetivos estratégicos de Túpac Katari tiveram início quando ele organizou, com Bartolina Sisa, sua mulher, um exército de 40.000 índios que, no início de 1781, conquistou as províncias de Sicasica, Carangas Pacajes, Yungas Omasuyos e Chucuito. Em seguida, o caudilho aymara avança em direção a La Paz e, em 13 de março de 1781, inicia o primeiro sítio à atual capital da Bolívia, onde foram mortos 10.000 espanhóis, numa população que contava 23.000 habitantes entre brancos e mestiços. Cumpre aqui ressaltar que, a par do cerco de Cusco por Túpac Amaru, o sítio de La Paz, por Túpac Katari, está entre as ações militares mais destacadas na grande revolta indígena de 1780-1781.

Diante da fome que começou a matar os habitantes de La Paz, Túpac Katari propôs a entrega das armas e das autoridades para levantar o cerco. Diante do rechaço das exigências, o bloqueio continuou e era tal a coragem dos índios em seus ataques, que causavam assombro aos próprios inimigos. Mas a falta de armas de fogo, por parte do exército indígena, impedia um ataque frontal às forças espanholas. Foi neste período que vários mestiços foram presos e fingiram aderir ao comando de Túpac Katari. Um deles Mariano Murillo, depois de descoberto, teve os braços cortados, que foram enviados ao comandante Segurola, com uma carta de desafio aos espanhóis e de desprezo ao frade Matias Borda, coparticipante da traição.

Diante do impasse, Ignacio Flores, presidente da Real Audiência de Charcas, chega, em 1º de julho de 1781, com um exército para socorrer La Paz. O exército indígena se desloca estrategicamente para o alto da cidade, mas em 4 de agosto o exército de Flores se retira, deixando apenas 80 soldados veteranos e quatro companhias de milicianos. As tropas rebeldes iniciam o segundo cerco, de 64 dias, a La Paz, agora com o reforço de Andrés Túpac Amaru, sobrinho de Túpac Amaru, que depois de tomar Sorata, em 4 de agosto, inundando a cidade com a construção de um dique, tentou a mesma estratégia em La Paz, mas a obra rebentou antes do tempo, não causando o resultado esperado. Diante do agravamento da situação em La Paz, as autoridades de Lima e Buenos Aires enviaram seus exércitos para enfrentar as tropas indígenas.

4. A bravura de Bartolina Sisa. Túpac Katari é traído e executado

Enquanto isso, Bartolina Sisa, à frente de um pequeno exército de aymaras com armas primitivas, derrotara 400 espanhóis na Batalha de Chuquiago. Traída, foi aprisionada em 2 de julho de 1781 e entregue aos espanhóis. Indômita, diante das torturas não se abateu, até o momento da morte, aos 26 anos. Executada quase um ano depois do marido, em 5 de setembro de 1782, Bartolina Sisa, tal como Micaela Bastidas, esposa de Túpac

Amaru, teve um grande papel como combatente na rebelião. Ambas secundaram seus maridos na condução das tropas indígenas, participando abertamente nos combates.

Diante da chegada dos dois exércitos fortemente armados, as tropas indígenas suspendem o cerco a La Paz, quando a cidade estava a um passo da rendição. Enquanto Andrés Túpac Amaru dirigiu seus índios para o Santuário de Peñas, Túpac Katari retira-se para os montes de Pampajasi, nos arredores de cidade, fustigando os espanhóis, mas em fins de outubro é fortemente atacado e se retira também para o Santuário de Peñas.

O exército indígena avançou até Charcas, onde foi derrotado pelas tropas realistas vindas de Buenos Aires. No início de novembro, Túpac Katari dirigiu-se a Achacachi, na costa do lago Titicaca, para refazer as tropas que lhe restavam. Os espanhóis recorreram então à traição para prender o grande caudilho aymara, entrando em contato com seu amigo, o índio Tomás Inca Lipe, que na noite de 10 de novembro revelou o paradeiro de Túpac Katari, num lugar chamado Chinchaya. *El traidor recibió en recompensa una medalla por su "lealtad" y el gobierno del pueblo de Achacachi, de donde fue oriundo y donde ejecutó la aleivosa.*^{xiv}

Depois de interrogado e torturado por vários dias, Túpac Katari foi executado na capital do país, em 31 de novembro de 1781. Cortaram-lhe a língua depois de dizer *"Solamente a mi me matam... Volveré y seré millones"*.^{xv} Amarraram-no a quatro cavalos e o esquartejaram com machados e espadas. Sua cabeça ficou exposta na praça principal de La Paz, os braços e pernas foram expostos em outras cidades, durante 10 meses. Sua mulher e sua irmã Gregoria Apaza tiveram a mesma sorte, meses depois. Seus restos foram queimados e as cinzas jogadas ao vento.

5. Um herói maldito

Personagem incomparável na história das lutas indígenas da Bolívia e embora sua auréola de herói e de mártir tenha sido belissimamente descrita na excelente obra *La revolución india* (1969) pelo escritor boliviano Fausto Reinaga, o seu nome só recentemente ganhou as merecidas honras do seu povo com a vitória do índio Evo Morales^{xvi}, o qual pretende até 2013, colocar a memória de Túpac Katari nos céus da Bolívia, através do lançamento de um satélite de comunicações com tecnologia chinesa, que levará seu nome.^{xvii}

Em recente biografia sobre o presidente da Bolívia Evo Morales^{xviii}, seus pais dizem, com base em documentos, que para fugir do estigma e da morte, depois da fracassada revolta indígena, seus antepassados teriam mudado o sobrenome de Katari para Morales: *Luego de la ejecución de Túpac Katari, aparece este escrito: El oidor de Chile, Francisco Tadeo Diez de Medina, tras una tortura de una semana a Túpac Katari, concluye: ni al Rey, ni al Estado conviene, quede semilla o raza de este y de todo Túpac Amaru y Túpac Katari, por el mucho ruido e impresión que este maldito nombre ha hecho en los naturales... por eso se debe exterminar a todos los que lleven su nombre.*^{xix}

A biografia de Evo Morales viaja num mar de interessantes suposições afirmando que: Todos fueron muertos en la gran revuelta de 1781. Pero en 2006 Katari volvió y fue millones como lo había prometido...^{xx}

Em sua posse, a 22 de janeiro de 2006, como presidente, Evo Morales, numa clara alusão à saga guerreira de Túpac Katari, disse: A luta de nossos antepassados e avós não foi em vão, estamos aqui para dizer que chegamos ao poder.^{xxi}

(*) Este ensaio integra o texto do livro *NOS RASTROS DA UTOPIA: Uma memória crítica da América Latina nos anos 70*, publicado em 2014 pela Escrituras Editora. As notas e traduções são do autor.

ⁱ A chicha é uma bebida fermentada produzida pelos povos indígenas dos Andes, cuja fabricação remonta ao tempo dos incas. Consiste na mastigação do milho por mulheres jovens e cuspi-lo em um caldeirão de água fervida. Depois de alguns dias de fermentação a mistura se transforma em chicha.

ⁱⁱ Quando da minha visita, achei que havia muita fantasia nas suas palavras, mas muitos anos depois me caiu nas mãos um livro curioso: *A vida secreta das plantas*, dos norte-americanos Peter Tompkins e Christopher Bird, editado no Brasil, em 1988, pelo Círculo do Livro. A obra, quando lançada nos Estados Unidos, ficou durante seis meses encabeçando a lista das mais vendidas. Em suas 377 páginas, os autores falam dos pioneiros e das modernas pesquisas sobre as plantas, enfatizando sua descrição sobre as experiências de Cleve Backster, um técnico do FBI e perito em polígrafos (um aparelho para detectar a mentira), que, por volta de 1967, conectando os eletrodos de sua máquina às folhas de uma dracena, foi surpreendido com as mudanças gráficas do aparelho, demonstrando reações semelhantes a de um ser humano. Os registros produzidos pela planta indicavam que ela possuía memória, pressentimentos e demonstrava emoções de prazer e de dor, de afeição e de medo, conforme as experiências produzidas. Ante a ideia de Backster de queimar a folha da planta, esta entrou em pânico, demonstrando ter adivinhado seu pensamento. Os autores, depois de vasta pesquisa, revelam que as plantas têm vida inteligente, apresentando seu trabalho como uma constatação científica e não como uma visão mística e ocultista.

ⁱⁱⁱ Diferente da reforma agrária que começava a ser implementada no Peru, onde as fazendas seriam transformadas em unidades de produção coletiva, na Bolívia a real reforma agrária feita por Paz Estenssoro, em 1953, devolveu aos indígenas, em forma de lotes individuais para cada família, as terras do *ayllu* – unidade familiar incaica – que lhes haviam sido usurpadas, desde a conquista pelos espanhóis e repassadas aos fazendeiros *criollos* pelo sistema de *encomiendas*.

^{iv} Para se entender a economia, a sociedade e a exploração do trabalho indígena no sistema colonial espanhol, é indispensável saber que a exploração das minas de prata foi a principal atividade econômica no Vice-Reinado do Peru. A mão de obra indígena era empregada na *mita* e na *encomienda*, que eram formas diferenciadas de escravidão.

Abolida em 1791, a *mita*, instituída pelos incas, obrigava os homens (*mitayos*) das tribos dominadas a trabalhar em suas minas, e o sistema foi adotado pelos colonizadores, mas não somente para o trabalho nas minas. A *encomienda*, criada pelos espanhóis, era a exploração do trabalho de uma comunidade indígena por um colono, que em troca pagava um tributo, pela produção agrícola, à autoridade espanhola e se obrigava em troca a cristianizar os indígenas.

A sociedade colonial era estratificada pelo nascimento e pela cor. Os *chapelones*, nascidos na Espanha, detinham os mais altos cargos coloniais. Os *criollos* eram os descendentes espanhóis nascidos na América, brindados com as grandes extensões de terra, a exploração das minas e os grandes cargos militares e administrativos. Os *mestiços*, filhos do branco com o índio, eram livres, e exerciam atividades comuns. A imensa maioria da população era indígena, submetida aos trabalhos forçados.

^v O espaço limitado que disponho na organização desses relatos de viandante desmerece a gloriosa história da revolta indígena na região andina, no fim do século XVIII. Um texto maior seria imprescindível para trazer aos leitores brasileiros o quadro quase desconhecido desse heroísmo libertário contra o colonizador espanhol que aqui, no Brasil, só tem paralelo num único grande exemplo: o martírio solitário de Tiradentes.

^{vi} Para se ter uma ideia da distância dessa viagem de ida e volta, imagine-se, no Brasil, uma pessoa fazer, a pé, um percurso equivalente de ida e volta de Porto Alegre, no extremo sul do país, a Recife, no Nordeste do Brasil.

^{vii} Lewin, B. *La rebelión de Túpac Amaru*. Havana, Editorial de Ciencias Sociales, 1972. Tomo I, p. 354.

Trata-se de uma verdadeira odisseia para um índio sem recursos materiais, sem o conhecimento da língua, forçado a andar a pé as 600 léguas que existem entre sua aldeia, localizada no altiplano andino, e a capital do vice-reinado. Chega a Buenos Aires em 1778...

^{viii} Essa era uma triste característica das lutas indígenas no período colonial no altiplano e no Chile: índios na condição de servos e escravos, por dinheiro, covardia ou traição, delatavam ou matavam outros índios, que lutam pela liberdade dos demais. Os grandes exemplos foram Lautaro, Túpac Amaru e Túpac Katari. Mas a história do Brasil registra também seus delatores. No passado, Domingos Fernandes Calabar se uniu aos holandeses na conquista do Arraial de Bom Jesus,

bastião da resistência luso-brasileira em Pernambuco e Joaquim Silvério dos Reis entregou Tiradentes aos portugueses. É lamentável dizer que a legislação brasileira, a partir de 1990, resolveu premiar a delação através da lei 8.072, numa vergonhosa demonstração de que o Estado se mostra incapaz de investigar e punir os criminosos, incentivando o favor jurídico através da traição.

^{ix} Existem ainda poucos estudos sobre a revolta indígena de Chayanta e Sicasica, além da clássica *La revolución india* do historiador boliviano Fausto Reinaga (La Paz, 1969) e a *Historia de la rebelión de Túpac Katari – 1781-1782*, de Maria Eugenia del Valle de Siles (La Paz, 1990). O que existe é uma farta documentação à espera de pesquisadores e estudiosos, no Arquivo Nacional da Bolívia. Pelo que sabemos, alguns pesquisadores, ligados ao Departamento de História da Universidad Mayor de San Andrés, de La Paz, e entre esses Silvia Arce, Magdalena Cajías e Eugenia Muñoz, trabalham na investigação desses documentos. Em 1970, tive a oportunidade de ler, em La Paz, *La revolución india* de Fausto Reinaga, cujas páginas abriram meu interesse pela história das rebeliões indígenas na região andina e particularmente pela figura de Túpac Amaru, o grande precursor da emancipação dos países americanos.

^x Lewin, B. Op. cit., p.382.

Na informação sumária secreta mandada efetuar por Manuel de la Bodega em 12 outubro de 1780, a fim de verificar em que medida os indígenas do seu município estavam ligados aos de Chayanta, declarou o prefeito índio Manuel Ari que aqueles se levantariam “no instante que sejam prevenidos por Tomás Katari”. (...) “Não deixa de ser digno salientar o fato de que o corregedor Alós considere que Katari está em condições de mobilizar entre 20 e 30 mil índios”.

^{xi} Idem, p. 381.

Mas foi, como dissemos, entre os seus, onde se destacou e onde ele pôde mostrar, sem intérpretes, o seu valor; foram também os índios que estavam em melhores condições do que os espanhóis para apreciar as suas aptidões e virtudes. E eles, pobres e incultos, exteriorizavam sua admiração pelo caudilho à sua maneira, ajoelhando-se diante dele e beijando-lhe a mão ou o poncho que vestia, considerando-o um redentor e quase uma divindade.

^{xii} Lewin, B. Idem, tomo II, p. 527.

^{xiii} Idem, p. 529.

... a origem da enorme ascendência de Túpac Katari sobre as massas indígenas, de cujas vidas e fazendas dispunha de forma ilimitada durante muitos meses, por mais que houvessem tentativas individuais para destituí-lo de seu cargo.

^{xiv} Idem, p. 545.

O traidor recebeu como recompensa uma medalha por sua “lealdade” e a prefeitura do povoado de Achacachi, de onde era oriundo e onde executou sua deslealdade.

^{xv} Siles, M. E. del V. de. *Historia de la rebelión de Túpac Katari – 1781-1782*. La Paz, Editorial Don Bosco, 1990.

^{xvi} Há dois anos recebi de um médico boliviano o livro *Un tal Evo*, uma biografia de Evo Morales, escrita pelos premiados jornalistas bolivianos Roberto Navia Gabriel e Darwin Pinto Castán. A obra conta toda sua trajetória de lutas e prisões e é uma apologia à sua condição de indígena, assinalada pelo amauta Valentin Mejillones, como um predestinado pelos seus antepassados para governar a Bolívia, relacionando sua eleição e o povo indígena que o elegeu como o cumprimento profético das palavras de Túpac Katari, na hora da morte: *Voltarei e seremos milhões*.

^{xvii} Pinto, D.; Navia, R. *Un tal Evo*. Santa Cruz de la Sierra, Editorial El País, 2007.

^{xviii} Pinto, D.; Navia, R. Op. cit., p. 54.

^{xix} Ibid., p.239.

Depois da execução de Túpac Katari, surge este documento: O ouvidor do Chile, Francisco Tadeo Diez de Medina, depois de uma semana de tortura a Túpac Katari, conclui: nem ao rei, nem ao Estado convém que fique semente ou descendência deste e de todo Túpac Amaru e Túpac Katari, pelo muito barulho e impressão que este maldito nome causou ao povo... por isso deve-se exterminar a todos os que levem seu nome.

^{xx} Ibid., p.239

Todos foram mortos na grande revolta de 1781. Mas, em 2006, Katari voltou e foi milhões como havia prometido...

^{xxi} Evo Morales foi eleito com 1.544.374 votos (54% do total) nas eleições de 2005. Dizem os autores da obra citada que numa cerimônia em 21 de janeiro de 2006, em Tihuanaco, Evo Morales, antes de tomar posse como presidente, recebeu do amauta aymara Valentin Mejillones o bastão do poder andino e o nomeou *Apu Mallku*, o líder supremo dos povos andinos. O último a receber essa distinção foi Túpac Amaru, há mais de 200 anos.

Com base em muitas outras passagens e insinuações do livro, faltou muito pouco para os autores afirmarem que Túpac Katari voltou, renascendo como Evo Morales. Hipótese que segundo as doutrinas reencarnacionistas, seria perfeitamente viável. Reencarnação ou admiração pela imagem de um herói, o fato é que, nos últimos anos, o nome de Túpac Katari vem emergindo da história nacional como um novo símbolo libertário do país, rivalizando com a consagrada figura de Bolívar. Em 1990, depois de uma profunda pesquisa documental e a interpretação antropológica e etno-social das fontes, a historiadora boliviana María Eugenia del Valle de Siles publicou, até então, o mais importante livro sobre o grande caudilho aymara. A obra traz fatos novos sobre a revolta indígena no Alto Peru – assim se chamava a Bolívia antes da independência – e um perfil muito mais religioso de Túpac Katari, unindo a inteligência militar a um carisma com características messiânicas. A convicção de sua predestinação está expressa na carta que escreveu em 29 de abril de 1781 ao comandante sitiado Sebastián Segurola, durante o longo cerco que fez a La Paz: (...) *sou um enviado de Deus e ninguém tem o poder de fazer alguma coisa contra mim, porque sinto que tudo o que digo é a palavra do Espírito Santo...* (Ballivian y Roxas. *Doc. Relativos a La Historia de Bolivia*. Citado por María Eugenia del Valle de Siles, em sua Op. cit.).